



**UnB**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

JÚLIA CASTELLO BRANCO RANGEL DE MELO

BRASIL E O REALISMO FANTÁSTICO: Murilo Rubião à luz de Gabriel García Márquez

Brasília, DF

2019

JÚLIA CASTELLO BRANCO RANGEL DE MELO

BRASIL E O REALISMO FANTÁSTICO: Murilo Rubião à luz de Gabriel García Márquez

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito para a obtenção do grau de Bacharela.

Brasília, DF

2019

Dedico este trabalho às mulheres mais importantes de minha vida: minha mãe, Luciana, minha avó, Leyla, e minha tia, Márcia, de quem sinto imensas saudades.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à querida professora e orientadora Patrícia, que me ajudou, motivou e tranquilizou no processo de escrita deste trabalho e que me faz acreditar que posso continuar escrevendo. Fiz esta escolha com muito orgulho e certeza de que teria todo o suporte necessário.

Aos meus queridos amigos Manoela, Letícia, Maria Manuella, João, Lara e Pedro, que me acompanham em todos os aspectos da vida.

À minha mãe, Luciana, por ser meu porto seguro, minha amiga e companheira, que sempre afirmou meu valor mesmo quando eu duvidava.

À minha irmã, Carolina, que me proporciona tantas risadas nos momentos difíceis.

À minha prima, Ana, por ser minha amiga desde sempre.

À minha avó, Leyla, a pessoa mais inteligente e culta que já conheci.

À minha tia, Márcia, que me ensinou cedo a ver o que há de belo e delicado no mundo, na arte e na literatura.

"Imagine um país que ganhou seu nome de uma árvore: Pau-Brasil. Sua tinta vermelha a levou à beira da extinção. Só ficou o nome. Onde mais escravos morriam que nasciam, era mais barato importar outro da África. Onde todas as rebeliões foram brutalmente esmagadas e a República veio através de um golpe militar. Um país que, depois de 21 anos de ditadura, reestabeleceu sua democracia e se tornou inspiração para muitas partes do mundo. Parecia que o Brasil tinha finalmente quebrado sua maldição. Mas aqui estamos: com uma presidente destituída, um presidente preso, e o país avançando rapidamente rumo ao seu passado autoritário." (Petra Costa, em *Democracia em Vertigem*)

## RESUMO

Com base em textos sobre o pensamento latino-americano de autores como Octávio Ianni, Ricardo Piglia e Enrique Dussel, este trabalho tem como objetivo pensar na identidade brasileira através da constituição do gênero literário do realismo fantástico, que foi significativamente mais discreto no Brasil do que no resto da América Latina. Para isso, foram feitas análises de contos de Murilo Rubião e Gabriel García Márquez, traçando semelhanças e diferenças entre as narrativas dos dois autores e pensando na memória de García Márquez e na dureza da realidade retratada por Rubião.

Palavras-chave: Realismo fantástico. América Latina. Brasil. Gabriel García Márquez. Murilo Rubião. Memória.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO: O BRASIL FORA DE SEU ESPAÇO</b> .....	7
2	<b>OS CICLOS DE MURILO RUBIÃO E A MEMÓRIA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ</b> .....	10
2.1	A DEFINIÇÃO DE FANTÁSTICO E ONDE SE ENCONTRAM MURILO RUBIÃO E GARCÍA MÁRQUEZ.....	10
2.2	MURILO RUBIÃO E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ.....	11
3	<b>A INEVITABILIDADE DE MURILO RUBIÃO</b> .....	18
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	20

## 1 INTRODUÇÃO: O BRASIL FORA DE SEU ESPAÇO

São recorrentes as crises identitárias na América Latina. A história complexa e apropriações de ideias incompatíveis entre si criaram uma realidade marcada por traços muitas vezes contrastantes como o mágico, o moderno, o arcaico, o indígena, o europeu, o africano, o local e o global. É, portanto, uma realidade nebulosa, indefinida e emaranhada. Não se sabe onde o fio começa ou termina.

Portanto, traduzir a existência latino-americana requer um mergulho profundo numa realidade violenta e contraditória:

Em boa parte das produções científicas, artísticas e filosóficas relativas a esse mundo histórico-social e mental, o que sobressai é o empenho em construir conceitos, modelos, esquemas, ou melhor, tipos, com os quais se busca significar a realidade neste ou aquele país, bem como no conjunto dos povos, nações e nacionalidades, em diferentes épocas, conjunturas, ciclos e rupturas. São tipos mais ou menos enraizados na realidade deste ou daquele país, ou do conjunto latino-americano e caribenho; com os quais esse labirinto ou essa nebulosa parece adquirir fisionomia e movimento. Aos poucos, os tipos conferem a uns e outros, cientistas sociais, artistas e filósofos, assim como aos seus interlocutores, ouvintes e leitores, assim como aos meios de comunicação, a imagem, o significado, a vibração ou a taquigrafia do que é, foi ou pode ser esta ou aquela realidade, evento, realização, ruptura ou ilusão. (IANNI, p. 19).

Traço aqui o objetivo deste trabalho: não é minha intenção definir o que é América Latina, mas tentar olhar mais atentamente para os contornos que fazem nossa realidade e, conseqüentemente, estão presentes em nossas várias literaturas.

A literatura do novo milênio a ser escrita aqui, proposta por Ricardo Piglia ao dar continuidade à obra de Ítalo Calvino que tinha a intenção de definir certos valores para a produção artística, tem o deslocamento como um valor importante. Enquanto Calvino escreve da Europa, Piglia escreve da Argentina. Há diferenças fundamentais entre as realidades desses espaços que afetam diretamente a produção literária. O que diferencia a América Latina da Europa?

Talvez o fato de escrever a partir da Argentina nos confronte com os limites da literatura e nos permita refletir sobre os limites. A experiência do horror puro da repressão clandestina - uma experiência que frequentemente parece estar além da linguagem - talvez defina o nosso uso da linguagem e a nossa relação com a memória e, portanto, com o futuro e o sentido. (...) Me parece que esse movimento, esse deslocamento, dar a palavra a outro que fala de sua dor, um desconhecido num trem, um desconhecido que está aí, que diz "Sofro, queria acordar daqui a um ano". (...) Um minúsculo deslocamento, então, e aí está tudo, a dor, a compaixão (...). Um gesto que me parece muito importante para entender como se pode chegar a contar



esse ponto cego da experiência, que quase não se pode transmitir. (PIGLIA, 2012, p. 2).

O que Piglia nos diz é que é necessário dar voz ao outro para narrar. E quem somos, afinal, senão o outro?

Com uma história marcada por sangue, opressão, exploração e estupros da terra, a América Latina é um espaço criado pelos europeus para ser justamente dessa forma e que faz a Europa assumir a condição e posição central que ocupa. De acordo com o filósofo também argentino Enrique Dussel, em sua obra 1492: o mito da modernidade, a Europa é criada a partir do que se constitui como América. Quando o europeu estabelece classificações raciais (baseadas na racionalidade exacerbada que surgia na Modernidade) para justificar a violência sobre os povos latino-americanos (mas também africanos e asiáticos), ele passa também a se classificar a partir do que não é. O europeu, ao contrário dos índios, dos negros e dos asiáticos, é civilizado, o ápice do desenvolvimento humano, aquele que dita e conduz a História. O filósofo Hegel, que é citado no texto de Dussel, chegou a afirmar que a Ásia representava a imaturidade, a infância do homem. O europeu então nega a humanidade e a racionalidade daqueles que pretende explorar, se eximindo da culpa genocida:

A Europa tornou as outras culturas, mundos, pessoas em ob-jeto: lançado (-jacere) diante (ob-) de seus olhos. O “coberto” foi “des-coberto”: ego cogito cogitatum, europeizado, mas imediatamente “en-coberto” como Outro. O outro constituído como o Si-mesmo. O ego moderno “nasce” dessa autoconstituição perante as outras regiões dominadas. (...) O Outro é a “besta” de Oviedo, o “futuro” de Hegel, a “possibilidade” de O’Gorman, a matéria bruta para Alberto Caturelli: massa rústica “descoberta” para ser civilizada pelo “ser” europeu da “Cultura Ocidental”, mas “en-coberta” em sua Alteridade. (DUSSEL, 1993, p. 36).

Sabemos que essa estratégia é eficaz até hoje. A realidade dos países latino-americanos é profundamente marcada pela escravidão, pela exploração desordenada da terra, pelo papel que exerceu no estabelecimento do capitalismo como sistema hegemônico e também pelas influências culturais diversas. Voltando a pensar em Piglia, evidenciar esses aspectos me diz que a literatura feita aqui não pode, não é e não deve ser a mesma.

Ricardo Piglia desloca-se da Europa para América Latina. O Brasil, no entanto, parece pedir por mais um deslocamento, um quase tão drástico quanto o feito pelo escritor argentino.

O Brasil é o maior país da América Latina, o único lusófono, o último a abolir a escravidão e o único a declarar independência sem revolução, que dá continuidade à

monarquia. Basta constatar tais fatos para saber que a realidade brasileira foi tecida de forma diferente.

Nossa arte, portanto, é também diferente em vários sentidos. Nossa representação parece mais dura, mais árida. O Brasil está deslocado ao mesmo tempo em que faz parte de um lugar – a América Latina – que tem em suas raízes mistério, magia e violência. Essa separação é fundamental para se pensar em literatura brasileira e latino-americana. Para além da barreira linguística, parecemos ter uma barreira de identidade cultural e social. Percebo que a literatura fantástica no Brasil se manifestou de forma significativamente mais discreta e tenho a impressão de que a rigidez de nossa realidade penetrou mais a literatura. No entanto, é importante ressaltar que notar o distanciamento não quer dizer que não tenhamos magia e memória em nosso território e em nossa arte, mas que são menos reivindicadas.

Essas são ideias que pretendo explorar deslocando-me entre as literaturas fantásticas/mágicas de Gabriel García Márquez e Murilo Rubião, uma marcada pela memória, muitas vezes evidenciando como se dá a relação entre futuro e passado, e outra pela inevitabilidade, pelo fim que chega e pode se repetir infinitamente.

## 2 OS CICLOS DE MURILO RUBIÃO E A MEMÓRIA DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

### 2.1 A DEFINIÇÃO DE FANTÁSTICO E ONDE SE ENCONTRAM MURILO RUBIÃO E GARCÍA MÁRQUEZ

Para se pensar na literatura de Murilo Rubião à luz da literatura de García Márquez, faz-se necessária uma breve exploração de onde se encontram essas narrativas dentro do gênero fantástico. As obras de ambos os autores são repletas de acontecimento insólitos e estranhos que fazem parte de mundos onde sequer são questionados mas que possuem profundos significados nos contextos culturais da América Latina, ainda que de formas diferentes.

São muitas as vertentes do gênero, que inclusive carecem de denominação precisa, mas utilizando as definições de Tzvetan Todorov acerca da literatura fantástica, podemos dizer que as narrativas de Rubião e Gabo se encaixam, em parte, na categoria do que o autor chama de “maravilhoso”.

A definição final de literatura fantástica oferecida por Todorov é a seguinte:

(...) o fantástico se apoia essencialmente em uma vacilação do leitor. - de um leitor que se identifica com o personagem principal. - referida à natureza de um acontecimento estranho. Esta vacilação pode resolver já seja admitindo que o acontecimento pertence à realidade, já seja decidindo que este é produto da imaginação ou resultado de uma ilusão; em outras palavras, pode-se decidir que o acontecimento é ou não é. (TODOROV, 2014, p. 82).

O maravilhoso, por sua vez, é definido de forma ligeiramente diferente:

No caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam nenhuma reação particular nem nos personagens, nem no leitor implícito. A característica do maravilhoso não é uma atitude para os acontecimentos relatados a não ser a natureza mesma desses acontecimentos (TODOROV, 2014, p. 30).

O sobrenatural está presente nas duas definições e esse será um aspecto importante nas análises que serão feitas neste trabalho. Este elemento, de acordo com Todorov, possui uma função social que merece investigação. Para o objetivo deste trabalho, aqui entra também a função realista das obras de Rubião e Gabo. O fantástico desses autores exige uma leitura que não se limite ao mundo criado pela narrativa, justamente porque o mundo ali retratado é um reflexo do nosso. A literatura latino-americana foi profundamente marcada, no entanto, por elementos muito específicos da realidade múltipla e do mundo moderno que aqui se fez,

tornando necessário fazer um deslocamento de olhar para o que encontramos em nossas terras. As noções oferecidas por Todorov são relevantes para compreendermos de que se trata a literatura fantástica como um todo e para aplicarmos as ideia de sobrenatural, estranho e insólito às obras que serão aqui exploradas, mas não é o objetivo do trabalho oferecer contornos definitivos dos subgêneros da literatura fantástica. A falta de questionamento dos acontecimentos sobrenaturais, aqui, pode indicar a impotência e a inércia das personagens e isso será explorado mais a fundo quando tratarmos dos contos de Rubião, principalmente no que diz respeito à especificidade do realismo fantástico, mágico ou maravilhoso constituído no Brasil.

## 2.2 MURILO RUBIÃO E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Tendo passado por alguns pontos importantes no que diz respeito à literatura fantástica e sua presença na América Latina, chega a hora de adentrar os textos dos autores escolhidos, grandes nomes do gênero, para tentar propor questionamentos e reflexões sobre o fantástico brasileiro em contraste com o fantástico latino-americano.

Tanto Rubião quanto García Márquez fazem uso de imagens e acontecimentos sobrenaturais que não pedem justificativas nas narrativas. Tudo se dá de forma natural, não causando espanto nem nos personagens nem no leitor, que aceitaram as configurações de mundos com elementos estranhos.

A questão mais relevante a ser explorada, no entanto, é a das diferenças entre esses mundos fantásticos. Para isso, examinarei os contos “A Fila” e “O Edifício”, de Rubião, e “A Santa” e “Maria dos Prazeres”, de Gabriel García Márquez. Os quatro contos sintetizam bem os aspectos sobre os dois autores que quero abordar neste trabalho. “A Santa” e “Maria dos Prazeres”, além de trazerem fortemente elementos da memória, também tratam de deslocamento, estando presentes nos Doze Contos Peregrinos, coletânea de histórias fantásticas de latino-americanos na Europa. “A Fila” e “O Edifício”, por sua vez, têm uma atmosfera urbana muito rígida, ainda que fantástica, e contam os ciclos a que estamos sujeitos justamente falando de uma fila e um edifício sem fim, em que há uma forte presença de burocracias muito familiares. Desloco-me, então, entre as magias de Gabriel García Márquez e Murilo Rubião para compreender o deslocamento de meu próprio país.

A primeira impressão que tive da literatura de Murilo Rubião está relacionada com sua extensão. Sua obra é curta se comparada a de outros autores, inclusive a de García Márquez, sendo constituída por apenas 33 contos. Esses 33 contos, no entanto, mostraram-me

realidades muito diferentes daquelas retratadas por Gabo e trouxeram o questionamento que inspira este trabalho: por que até mesmo nossa fantasia parece mais rígida e violenta?

As histórias de Murilo Rubião se fazem em ciclos. Até mesmo o exaustivo trabalho do autor nos seus 33 contos, que foram publicados várias vezes sempre com alguma alteração, é cíclico. A Fila é um conto que sintetiza muitos aspectos da escrita muriliana como um todo: a burocracia, as várias violências do Brasil, o Sísifo.

O conto narra a história de Pererico, um homem que sai do interior do país para ir à cidade resolver um assunto sigiloso. Para isso, ele deve falar com o gerente da Companhia com urgência e regressar à sua terra. Isso é tudo o que sabemos sobre o objetivo de Pererico. Não sabemos que Companhia é essa, não conhecemos o prédio em que entra logo no início do conto e jamais chegaremos a conhecer o objetivo de Pererico. Conhecemos mais um personagem, o porteiro Damião, que diz que a conversa com o gerente não acontecerá tão cedo. Damião conduz Pererico a uma fila extensa onde aguardam os candidatos a audiências.

Assim começa a saga de Pererico. No primeiro dia de espera, não consegue falar com o gerente. No segundo, chega cedo ao local mas ainda assim recebe uma senha de número alto:

- As senhas de números baixos foram entregues aos que dormiram no pátio, através de distribuição interna. Quanto à sua queixa junto ao meu superior, vai demorar - concluiu sorridente.
- Como assim? - perguntou Pererico - Por que essa discriminação, permitindo somente a alguns o privilégio de dormirem aqui?
- A permissão de passar a noite no recinto é dada aos que não fazem segredo dos assuntos a serem tratados com a administração da empresa. (RUBIÃO, 2010).

Pererico se envolve numa briga com Damião, o que dificulta ainda mais a realização de sua tarefa, que se prolonga pelo que parecem ser infinitos dias. Rubião começa a construir um ciclo que chega a ser incômodo. Pererico se aflige por conta do dinheiro que vai acabando, pela demora, pelo cansaço e pela fome. O personagem começa a criar raízes num local que não lhe pertence e ao qual não pertence porque precisa resolver o assunto sigiloso. Somos apresentados a mais uma personagem, Galimene, uma prostituta que se dispõe a ajudar o homem levando comida, oferecendo seus serviços e sugerindo que faça as pazes com Damião. Quando isso acontece, Pererico cai em outra fila para falar com o secretário e marcar uma audiência com o gerente. Nessa espera durante um mês.

A tendência ao infinito criada por Murilo Rubião faz parte de um mundo com elementos fantásticos inconvenientes. Pouco a pouco o protagonista se adapta à nova realidade em que se encontra, quase passando a fazer parte do mecanismo:

Pererico examinou-a. A numeração era alta, a maior que já lhe haviam dado. [...] Dali pra frente recusaria as senhas, distanciava-se da fila, a vagar pelo pátio, aferrado à esperança de encontrar o gerente saindo do escritório ou andando pelas ruas, se bem que ignorasse o seu aspecto físico e o roteiro de seus hábitos. [...] Galimene, inquieta, acompanhava-o de longe. Percebia-lhe a desorientação, sentindo amadurecer a oportunidade de lhe oferecer novamente o quarto e a cama. Se a proposta viesse semanas atrás, a recusa seria pronta e ríspida. Mas a incerteza quanto ao tempo necessário para desincumbir-se do seu compromisso não dava margem a opções. Aceitou. Agarrado ao braço da mulher, recuperava a virilidade contida, desvaneciam-se as possibilidades de justificar-se. (RUBIÃO, 2010).

Durante certo tempo, Pererico se atém a memórias de sua terra e as compartilha com Galimene, que por sua vez o escuta desanimada, sabendo da inevitável separação quando for resolvido o assunto com a Companhia. Outro acontecimento desagradável para Pererico se sucede:

Penetrou na antessala da gerência algo emocionado. Em frente à sua mesinha, Damião, trajando terno escuro, acolheu-o sem o costumeiro sorriso. Os olhos pareciam ter perdido o brilho, o rosto demonstrava cansaço. Pererico recuperara a segurança e o poder de decisão que exibia quando ali estivera pela primeira vez. Caminhou na direção do negro, suspendeu-o pelas axilas, obrigando-o a levantar-se:

- Hoje, miserável, ou falo com seu chefe ou lhe quebro os dentes e espatifo os móveis do escritório.
- A violência é desnecessária: o gerente morreu. (RUBIÃO, 2010).

Pererico é o único que fica sem falar com o gerente. É invadido por um sentimento de incapacidade e de ter traído aqueles que confiaram nele para resolver o assunto. Sua única saída é voltar à sua cidade levando consigo desesperança e decepção.

Cabe questionar o que essa narrativa hiperbólica e cíclica diz a respeito da literatura de Rubião e de suas intenções como retratista. Todo o conto é a representação de um mecanismo burocrático do qual fazem parte Damião, Pererico, Galimene e todos os outros que estiveram aguardando na fila. O final inevitável, junto com a morte do gerente, é o final em que todos se encontram submissos às regras desse sistema e da realidade criada pelo autor, em que é impossível estabelecer vínculos, memórias e afetividade num ambiente brutal:

Comia o frango. A espaços, olhava a paisagem através da janela. E se alegrou quando viu surgir nas encostas das montanhas os primeiros rebanhos.

À medida que contemplava bois e vacas pastando, retornavam-lhe antigas recordações, esmaeciam as do passado recente. (RUBIÃO, 2010).

O fantástico nesse local é duro. A fila quase infinita causa dor, saudade, desconforto e impotência. É evidente também a oposição que Rubião coloca entre o urbano e o rural. O pitoresco praticamente some nessa narrativa, dando lugar a um espaço comum num Brasil que cresce violentamente.

Em "O Edifício", surge novamente a experiência de infinitude e do crescimento violento: "*Mais de cem anos foram necessários para se terminar as fundações do edifício que, segundo o manifesto de incorporação, teria ilimitado número de andares*" (RUBIÃO, 2010).

João Gaspar, o novo engenheiro responsável pela construção do edifício, nada sabe sobre sua finalidade. Há um conselho de anciões que o encarrega de tarefas acerca da obra, mas com uma advertência:

- Nesta construção não há lugar para os pretensiosos. Não pense em terminá-la, João Gaspar. Você morrerá bem antes disso. Nós que aqui estamos constituímos o terceiro conselho da entidade e, como os anteriores, jamais alimentamos a vaidade de sermos o último. (RUBIÃO, 2010).

A declaração de um dos membros do conselho, logo no início da narrativa, já sela um destino inevitável. A obra jamais será completada e não há perspectiva para que isso aconteça. Sobre a literatura de Murilo Rubião, isso diz muito: o que está materializado na obra interminável do edifício e na fila de Pererico é a elaboração que o autor faz de uma infinitude de ações, desejos e necessidades nunca saciados. Nisso já se torna diferente de tantos escritores latino-americanos que contam histórias mais definitivas, tal como faz García Márquez. Para Rubião, passado e futuro não tanto importam para uma realidade que se faz em repetição. O passado, principalmente, está sempre esmaecendo.

Por outro lado, as narrativas do colombiano Gabriel García Márquez são notadamente marcadas pela memória. *Cem Anos de Solidão* (1967) é uma obra que conta a história de toda a humanidade através da história de uma família que começa e termina dentro dos limites do romance, com elementos de magia e forte presença do passado. *Crônica de uma Morte Anunciada* (1981), por sua vez, revisita a memória de testemunhas para que se desvende o mistério do assassinato de Santiago Nasar. As histórias de *Doze Contos Peregrinos* são histórias de exílio, o que pressupõe memória de um lugar do qual se está distante e deslocado: a América.

O conto "A Santa" se aproxima ao mesmo tempo em que se afasta dos escritos de Rubião. O primeiro acontecimento já mostra uma espera que parece infundável:

Vinte e dois anos depois, tornei a ver Margarito Duarte. Apareceu de repente numa das ruazinhas secretas do Trastevere, e tive trabalho em reconhecê-lo à primeira vista por seu castelhano difícil e seu jeito ameno de romano antigo. Tinha o cabelo branco e escasso, e não restavam nele rastros da conduta lúgubre e das roupas funerárias de advogado andino com que havia vindo a Roma pela primeira vez (...) Antes da segunda xícara de café num dos nossos bares de outros tempos, me atrevi a fazer-lhe a pergunta que me carcomia por dentro.

- O que aconteceu com a santa?

- Lá está a santa - respondeu - Esperando. (MÁRQUEZ, 1992, p. 57).

Margarito Duarte vai à Roma em busca da canonização de sua filha que por todo o tempo depois de sua morte ficou perfeitamente conservada, como se estivesse viva, e sem peso algum. O arcebispo colombiano achou que tal milagre merecia uma visita ao Vaticano, e assim Margarito Duarte parte em sua jornada. Seus objetivos, assim como os de Pererico, são sempre atrapalhados. No caso de Margarito Duarte, papas morrem antes de encontrá-lo, ou têm crises de solução intermináveis.

A história de Margarito se afasta da história de Pererico no que diz respeito à magia e à memória. Gabriel García Márquez está constantemente contando o passado de seus personagens, reivindicando o passado de seus locais de origem, mágicos, e suas vidas, bem como as diferentes concepções de santidade da Europa e da América Latina. Na Europa, quase ninguém leva a sério a magia presente no acontecimento miraculoso da menina morta: "Fazia contatos com todas as congregações religiosas e fundações humanitárias que encontrava pelo caminho, onde o escutavam com atenção e sem assombro, e lhe prometiam gestões imediatas que nunca davam em nada." (MÁRQUEZ, 1992, p. 60).

Mais tarde chegam a sugerir que o milagre pode ser um caso de sugestão coletiva. A magia vinda da distante América não é válida. Ainda assim, Margarito não desiste de seu objetivo. Vinte e dois anos depois, continua em seu calvário para canonizar a filha:

Cinco papas tinham morrido, a Roma eterna mostrava os primeiros sintomas de decrepitude, e ele continuava esperando. "Esperei tanto que não pode estar faltando muito", disse ao se despedir, depois de quase quatro horas de lembranças. "Pode ser coisa de meses". (...) Então eu não tive mais nenhuma dúvida, se é que alguma vez tinha tido, de que o santo era ele. Sem perceber, através do corpo incorrupto de sua filha, levava vinte e dois anos lutando em vida pela causa legítima de sua própria canonização (MÁRQUEZ, 1992, p. 75-76).



Nos *Doze Contos Peregrinos* o fantástico se apresenta como memória de um lugar de origem, na vida de exilados que o trouxeram consigo. Não é tão rígido quanto o de Rubião porque oferece esperança. O personagem principal nunca desiste de seu objetivo que sabemos inalcançável, mas o narrador oferece um futuro santo para o homem que está há tanto tempo em sua busca.

Assim também acontece no conto "Maria dos Prazeres", também presente nos *Doze Contos Peregrinos*. Um futuro, numa premonição, é oferecido à personagem principal. A história se passa em Barcelona e mostra a vida de uma ex-prostituta, Maria dos Prazeres, que, aos 76 anos, recebe um agente funerário em sua casa para planejar o próprio enterro, pois está convencida de que morrerá antes do Natal. Contar uma velhice requer um apelo à memória para ambientá-la. O passado está presente nas constantes menções que o narrador faz aos tempos longínquos da infância da personagem em Manaus, dos cinquenta anos que passou vivendo em Barcelona, de sua trajetória para chegar até ali e na exploração de seus medos profundos:

(...) antes de abrir a porta, quis fazer uma síntese final de um pensamento que havia amadurecido em seu coração durante muitos anos, e até em seus pormenores mais íntimos, desde a lendária enchente de Manaus.

- O que quero dizer - disse - é que procuro um lugar no qual esteja enterrada debaixo da terra, sem riscos de inundações e se for possível à sombra das árvores no verão, e de onde não vão me tirar depois de um certo tempo para me jogar no lixo. (MÁRQUEZ, 1992, p. 141).

Superado o medo da inundação, Maria dos Prazeres ensina seu cachorro Noi a chegar ao local onde seria enterrada e até mesmo a chorar, porque seus medos não se limitam aos traumas do passado, mas também estão nas preocupações com o futuro. Mais uma vez temos um personagem latino-americano deslocado na Europa, numa solidão de peregrino que traz consigo algo que ali não pode ser compreendido. A magia está nesse conto na sutileza do choro do cachorro e do sonho que prediz a morte de Maria.

A ideia da morte e a premonição criam para a personagem um futuro que deve ser planejado: dos cuidados com o terreno onde será enterrada até o treinamento do cachorro para lamentar sua morte. A lembrança, mesmo que seja de um animal, é essencial para se superar o medo do fim.

O passado no conto de García Márquez não está apenas em Maria dos Prazeres. Está também no contexto do conto, na menção feita aos túmulos de anarquistas:

Ela se orientou no tabuleiro de cores até encontrar a entrada principal, onde estavam as três tumbas contíguas, idênticas e sem nome, onde jaziam Buenaventura Durruti e outros dois dirigentes anarquistas mortos na Guerra Civil. Todas as noites alguém escrevia os nomes nas lápides em branco. Escreviam com lápis, com tinta, com carvão, com lápis de sobancelha ou esmalte de unhas, com todas as suas letras e na ordem correta, e todas as manhãs os zeladores apagavam para que ninguém soubesse quem era quem debaixo dos mármore mudos (MÁRQUEZ, 1992, p. 140).

A memória, individual ou coletiva, produz contexto, compreensão e futuro. O que significa a teimosia de lembrar e escrever nomes de três anarquistas mortos durante uma guerra violenta que resultou num regime ditatorial na Espanha? Reivindicar memórias é um exercício de percepção da realidade.

Por fim, o destino de Maria dos Prazeres toma um rumo diferente daquele de sua premonição. Num dos dias que vai ao cemitério, uma tempestade a impede de pegar um ônibus para voltar para casa. Depois de muitas tentativas, consegue uma carona com um jovem que não era dono do carro que dirigia, o que traz uma surpresa:

Quando chegaram no bairro de Gràcia havia começado a amainar, era de noite e as luzes da rua estavam acesas. Maria dos Prazeres disse ao motorista que a deixasse numa esquina próxima, mas ele insistiu em levá-la até a porta de casa, e não só fez isso como também estacionou sobre a calçada para que pudesse descer sem se molhar. (...)

- Subo?

Maria dos Prazeres sentiu-se humilhada.

Agradeço muito o favor de me trazer - disse - , mas não permito que caçoe de mim.

Não tenho nenhum motivo para caçoar de ninguém - (...) - E muito menos de uma mulher como a senhora.

(...) Numa fração de segundo voltou a examinar o sonho premonitório que havia mudado sua vida durante três anos e compreendeu o erro de sua interpretação.

“Deus meu”, disse assombrada. “Quer dizer que não era a morte!”. (MÁRQUEZ, 1992, p. 155).

A tal premonição da morte transforma-se num suspiro de juventude, uma mudança naquilo que já parecia determinado: uma morte “solitária” para Maria dos Prazeres. A mudança de um destino que é terrível para qualquer ser humano, principalmente quando se está constantemente esperando por ele, é uma esperança, uma perspectiva diferente daquilo que pode ser o futuro. Por isso o passado é tão importante para García Márquez e a falta dele em Murilo Rubião diz tanto sobre o Brasil: sem memória não há futuro.

### 3 A INEVITABILIDADE DE MURILO RUBIÃO

Como dito anteriormente, o fantástico de Murilo Rubião parece se fazer em ciclos infinitos. Gabriel García Márquez, por sua vez, tem a memória como parte essencial de sua escrita. Essa é uma diferença fundamental entre o realismo fantástico brasileiro e o latino-americano.

Quando falo sobre inevitabilidade de Murilo Rubião, me refiro à falta de esperança e de perspectiva. Não contar o passado diz algo sobre nossa realidade e isso faz parte da maestria do autor ao retratar o Brasil.

A colonização da América Latina, como pode ser visto no texto de Enrique Dussel citado na introdução deste trabalho, foi repleta de negações. Para se reconhecer e fazer uma imagem de si, o europeu precisou negar o outro e precisou desse outro como espelho, nem que fosse para quebrá-lo. Definiu-se, assim, a partir do que não era. O europeu não é negro, não é índio, não é “bárbaro”. Assim se constroem ideias como a de civilizações mais e menos avançadas, ideias de raça e uma categorização que se torna ferramenta para a constante quebra desse espelho. Quando se nega a História e a humanidade de um povo, é muito mais simples criar justificativas para escravizá-lo e exterminá-lo. Isso aconteceu repetidas vezes em todo o processo de colonização europeu e deixou cicatrizes nas culturas e no funcionamento da sociedade.

O Brasil e a América Latina continuam sendo mecanismos muito importantes para um sistema de marginalização e criminalização, numa lógica que foi criada especificamente aqui e que faz com que populações menos favorecidas (aquelas que foram quebradas, dizimadas, inseridas à força no sistema brutal) assim permaneçam. Há benefícios em se manter um status quo que existe há mais de 500 anos: a manutenção do sistema mercantilista violento, explorador e inconsequente se torna muito mais fácil quando não se vê humanidade naquele que oferece sua força.

Murilo Rubião retrata justamente esse mecanismo. Seus ciclos infinitos são as constantes quebras do espelho, negações de História e de humanidade. Aquilo que há de sobrenatural em seus contos também foi incorporado ao mecanismo imposto, se subverteu dentro dele e passou a contribuir para seu funcionamento. O prédio e a fila que nunca terminam são elementos mágicos, mas estão inseridos numa realidade que impede a magia de ser um conforto ou a busca humana por algo maior que nós mesmos. Ao contrário, a magia torna-se parte da dor de existir num mundo violento, pois esquecemos sua origem e seu

propósito. Seus personagens encontram-se inertes frente ao que se passa no mundo. A falta de potência se dá devido à falta de perspectiva, mesmo que tantas nos sejam mostradas.

Rubião nos oferece pontos de partida e de chegada muito nebulosos. Não somos capazes de reconhecer objetivos em seus personagens nem compreender suas realidades por completo. Como a História latino-americana, tudo está emaranhado. O papel de Rubião foi expor as engrenagens e cabe à literatura entender seu funcionamento e tomá-lo para si. Dessa forma, torna-se possível reivindicar memória para nosso país, que pode ser capaz de enxergar em que medida o passado faz o futuro e como se articula o presente. Murilo Rubião identifica os desencontros e a fragilidade das estruturas, coisas que devemos aprender a ler.

A partir do que entendo como América Latina, então, desenvolvi este trabalho pensando na constituição diferente que meu país tem nesse espaço. Nesse sentido a produção literária é profundamente afetada. O Brasil encontra-se deslocado de uma realidade que é compartilhada por muitos, em que está inserido mas não se reconhece. Cito o texto *Enigmas do pensamento latino-americano*, de Octávio Ianni, que muito diz sobre as muitas Américas:

Essa é a ideia: a América Latina somente se revela quando é visualizada como um vasto laboratório de modos de vida e trabalho, formas de sociabilidade e jogos de forças sociais, tiranias e democracias, compreendendo castas e classes sociais, etnias e racismos, línguas e religiões, monumentos e ruínas, façanhas e ilusões. Aí se experimentam novas formas de vida e cultura, combinando contribuições culturais aztecas, maias, quetchuas, aymaras, guaraní, tupís e outros; bem como de culturas africanas, além das ibéricas e outras europeias; além de escravas, árabes e asiáticas. Um laboratório complexo, heterogêneo, contraditório, simultaneamente polifonia e cacofonia; no qual germinam outras e novas possibilidades de ser, devir, criar e fabular. (IANNI, p. 4).

O Brasil parece deslocado do plantio de suas ideias, que não se encontram. Nem o desencontro é percebido.

Daí a impressão de que há sempre algum hiato entre a palavra e a coisa, o conceito e o seu objeto, o pensamento e o pensado. Seja porque o objeto é intrincado e evasivo, seja porque o pensamento ainda não encontrou a sua perspectiva mais fecunda. Enquanto forma de autoconsciência da realidade e, simultaneamente, constitutivo dessa realidade, o pensamento tateia errático, ao acaso do jogo das forças sociais internas e externas do continente. E como essas conjunções são poderosas, sub-reptícias ou estridentes, opondo-se, mesclando-se e negando-se (...) (IANNI, p. 6).

É necessário ter consciência até mesmo do pensamento errático ao qual Ianni se refere. O mergulho a ser feito é o de reivindicar as possibilidades que nossa multiplicidade revela constantemente.

## REFERÊNCIAS

- DUSSEL, Enrique . **1492: o encobrimento do outro**: A origem do mito da Modernidade. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. 190 p. Tradução de: 1492 :el encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad.
- IANNI, Octávio. Enigmas do Pensamento Latino-Americano. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. São Paulo. 42 p. Disponível em: [iea.usp.br/artigos](http://iea.usp.br/artigos). Acesso em: 4 Jul. 2019.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. Tradução Eliane Zagury. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Sabiá, 1967. 364 p. Tradução de: Cien Años de Soledad.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Crônica de uma Morte Anunciada**. Tradução Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1981. Tradução de: Crónica de una Muerte Anunciada.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Doze Contos Peregrinos**. Tradução Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1992. 252 p. Tradução de: Doce Cuentos Peregrinos.
- PIGLIA, Ricardo. Uma proposta para o novo milênio. **Chão da Feira**. Tradução Marcos Visnadi. 2012. 4 p. Tradução de: Una propuesta para el nuevo milenio. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2015/06/cad02.pdf>. Acesso em: 4 Jul. 2019.
- RUBIÃO, Murilo. **Obra completa**. Companhia das Letras, 2010. 232 p.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. Tradução Silvia Delpy. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 192 p. Tradução de: Introduction a litterature fantastique.